

O SABER ETNOBOTÂNICO DA COMUNIDADE DE RETIREIROS DO ARAGUAIA EM LUCIARA, MATO GROSSO, BRASIL

Regisnei Aparecido de Oliveira Silva¹
Germano Guarim Neto²

RESUMO - O estudo foi realizado na comunidade de Retireiros do Araguaia, no município de Luciara, Mato Grosso, Brasil, com o objetivo de descrever o saber etnobotânico da população local, suas técnicas de manejo e conservação dos recursos naturais disponíveis. A comunidade é composta de aproximadamente 40 famílias que vivem da criação de gado em pastagens nativas que alagam no período de cheia da região. Para a coleta de dados utilizou-se como técnicas de pesquisa a observação participante e entrevistas. Para as entrevistas foram escolhidos intencionalmente cinco dos retireiros mais antigos da Comunidade e cinco mais jovens, totalizando dez participantes. Os entrevistados citaram 29 plantas nativas utilizadas de diversas formas no cotidiano: medicinal, alimento, construção, dentre outras formas como fabricação de cabo de enxada, foice, machado, artesanatos e para queima. A transmissão do conhecimento e formas de uso desses vegetais ocorre internamente entre os membros da comunidade através da oralidade e no decorrer das atividades diárias. Este conhecimento vai além dos mecanismos de uso e está associado também a mecanismos de conservação da flora local como garantia da sobrevivência desta população.

Palavras-chave: Comunidade de retireiros. Plantas nativas. Conhecimento etnobotânico

ABSTRACT (The ethnobotanical knowledge of the Araguaian retirement community in Luciara, Mato Grosso, Brazil). The study was carried out in the Retireiros do Araguaia community, in the municipality of Luciara, Mato Grosso, Brazil, in order to describe the ethnobotanical knowledge of the local population, their management techniques and conservation of available natural resources. The community is made up of approximately 40 families who live from cattle ranching on native pastures that flood in the region's flood season. For data collection, participant observation and interviewing were used as research techniques. For the interviews, five of the oldest inhabitants in the Community and five younger ones were intentionally chosen, totaling ten participants. The interviewees cited 29 native plants used in various ways in everyday life like as medicinal, food, construction and others uses. The transmission of knowledge and ways of using these vegetables occurs internally among the members of the community through orality and in the course of daily activities. This knowledge goes beyond the mechanisms of use and is also associated with conservation mechanisms of the local flora as a guarantee of the survival of this population.

Key words: Human community. Native plants. Ethnobotanical knowledge

¹Coordenação de Ciências Biológicas. Instituto de Biociências. Universidade Federal de Goiás, Regional Jataí. Jataí – GO. regisneioliveira@gmail.com

²Depto de Botânica e Ecologia. Instituto de Biociências. Universidade Federal de Mato Grosso. Grupo de Pesquisas da Flora, Vegetação e Etnobotânica - FLOVET. guarim@ufmt.br

INTRODUÇÃO

A região norte-araguaia do Estado de Mato Grosso é banhada pelo Rio Araguaia e seus afluentes. Esses rios e as características do ambiente como clima, solo, vegetação, regime de chuva, proporcionam à região peculiaridades que exigem das populações que ali vivem uma estreita relação com o ambiente local.

Nesta região vive um grande número de grupos étnicos, dentre eles os povos indígenas Karajá, Tapirapé e Xavante. Além dos povos indígenas há a presença de populações tradicionais não indígenas que vivem em comunidades isoladas nesse ambiente, numa relação de dependência dos recursos naturais. Esta dependência levou esses povos a construir um vasto conhecimento do ambiente local e criar mecanismos de manejo dos recursos, garantindo o suprimento das necessidades da comunidade e consequentemente a sobrevivência da população.

Estas populações não indígenas são encontradas, principalmente ao longo do rio Araguaia, em agrupamentos humanos denominados comunidades tradicionais. Dentre essas comunidades encontra-se a Comunidade dos Retireiros do Araguaia, local de realização deste trabalho.

Os povos tradicionais são caracterizados como grupos étnicos que possuem uma identidade própria e garantem a sua subsistência com a exploração dos recursos do ambiente em que vivem (COLCHESTER, 2000).

Para Diegues (1997) este modo de ocupação do espaço caracteriza-se pela utilização comum de determinados recursos e existem em comunidades tradicionais com forte dependência face ao uso de recursos naturais renováveis. O autor ainda afirma que o modo de vida dessas populações tem garantido a proteção ecológica de ecossistemas florestais ou aquáticos avaliados como de importância fundamental para a conservação diversidade biológica e cultural.

O uso comum das áreas de várzeas é discutido por Silva; Silva (1995) em estudo com pantaneiros-MT; por Marques (2001) estudando brejeiros no Estado de Alagoas e Furtado (1987) em estudo realizado com varjeiros do rio Amazonas-Pará. Essas experiências, segundo Diegues (1997), subsistem geralmente em regiões dotadas de ecossistemas “marginais”, onde os solos são vistos como impróprios para o uso agrícola (em grande escala) ou urbano-industrial. Esta forma de apropriação dos recursos

naturais é caracterizada pela utilização em comum de determinados espaços e recursos por meio de extrativismo vegetal, animal, da pequena agricultura e criação de animais.

Trabalhos realizados com populações tradicionais em diferentes regiões do Brasil deram suporte ao presente estudo. Dentre esses trabalhos destacam-se a pesquisa de Marques (2001) com brejeiros em Alagoas; Furtado (1997; 1993) pesquisando pescadores das várzeas do rio Amazonas no Estado do Pará; Silva; Silva (1995) em estudo realizado com pantaneiros no pantanal mato-grossense, Barcelos (2003) em pesquisa realizada com pescadores artesanais em Rio Grande – RS e Silva; Guarim Neto (2003) com os retireiros do Araguaia em Mato Grosso. Essas pesquisas descrevem o cotidiano de populações tradicionais abordando aspectos sociais, culturais e econômicos, dando ênfase ao conhecimento acumulado ao longo do tempo e transmitido às gerações por meio das experiências vivenciadas em cada grupo social.

O estudo do conhecimento de povos tradicionais acerca dos recursos naturais e sua relação com os mesmos torna-se relevante uma vez que possibilita conhecer a complexidade de funcionamento de diferentes ambientes naturais, bem como oportuniza mecanismos de discussão de etnoconservação ambiental como garantia de um ambiente saudável para à população.

Nesse contexto o presente estudo teve por objetivo descrever o saber etnobotânico da população denominada Retireiros do Araguaia, suas técnicas de manejo e conservação dos recursos naturais disponíveis.

MATERIAL E MÉTODOS

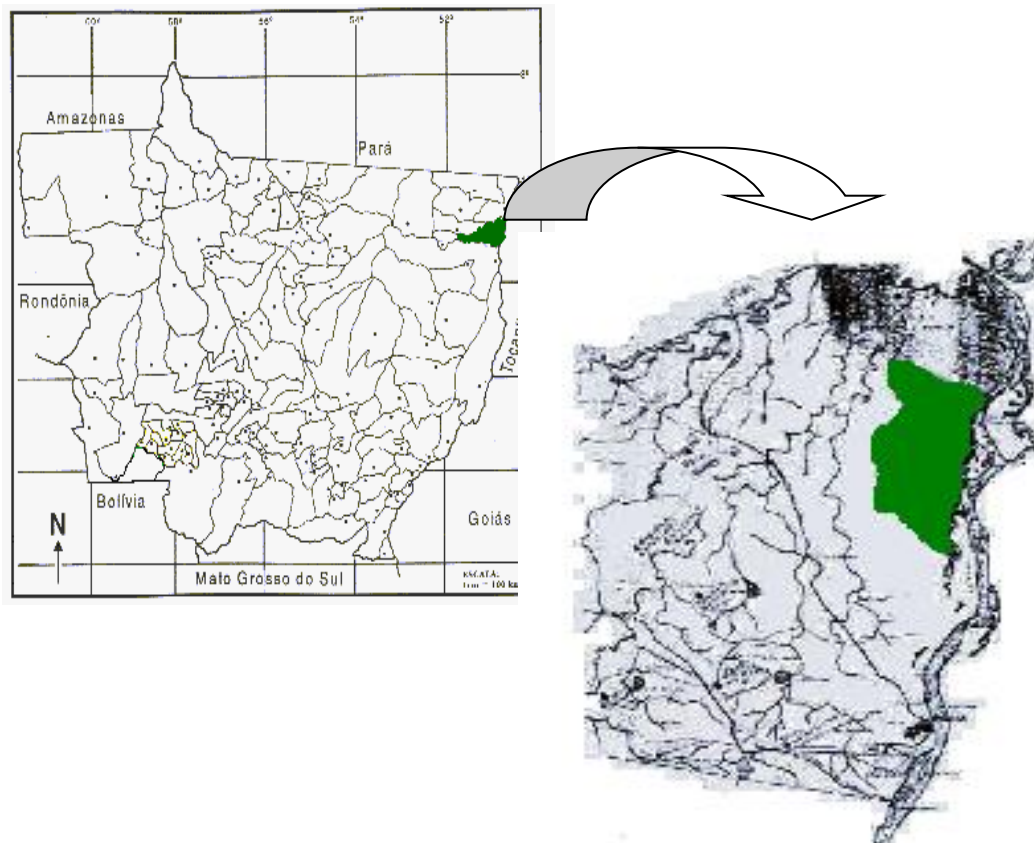
Área de estudo: os retiros

Na terminologia regional retiro é o local onde o retireiro se instala e vive um determinado período do ano (verão) para o desenvolvimento de uma atividade de criação e manejo de gado bovino. É uma prática secular entre os povos tradicionais. Na região norte - araguaia do Estado de Mato Grosso os retiros compreendem parte de uma grande área denominada “varjões” (figura 1).

Esses varjões são áreas periodicamente alagadas onde desenvolve naturalmente uma vegetação herbácea, graminosa, que serve de alimento para o gado. Esta vegetação típica do estrato herbáceo do cerrado suporta as duas estações consideradas na região, o

inverno (cheia) e o verão (seca). Esta área ocupa cerca de 30% do município de Luciara-MT.

Figura 1. Estado de Mato Grosso, Município de Luciara e Comunidade dos Retireiros do Araguaia.



Não há uma demarcação física da área e nem uma regulamentação oficial, apenas acordos verbais. Há mais de 50 anos que esses povos realizam esta prática. Cada retiro é constituído de uma casa (barraco), um piquete, um poço (cisterna), um curral e inicia a atividade de manejo de seu rebanho nas pastagens nativas daquela região, caracterizando assim o uso comum dos recursos vegetais entre os componentes da comunidade.

Na Comunidade dos Retireiros para todas as construções edificadas são utilizados recursos do próprio ambiente. Em decorrência da elevação das águas as casas geralmente não possuem paredes e há poucas cercas. De acordo com os retireiros o arame e a madeira não suportariam a água da cheia e logo “apodreceria”.

O conjunto de retiros forma a Comunidade de Retireiros do Araguaia. Esta comunidade compreende uma população residente na região nordeste do Estado de Mato Grosso, que se caracteriza por desenvolver uma atividade de estreita relação com

o ambiente em que vivem: a criação e manejo de gado em pastagens nativas denominadas “varjões” (áreas alagadas), no município de Luciara-MT.

O gado é criado em sistema extensivo nos períodos de seca (maio a dezembro) e no período chuvoso (janeiro a abril) o gado é retirado para as partes altas, onde não há inundação, permanecendo livres das consequências das cheias. Um comportamento semelhante é observado por Silva; Silva (1995) numa pesquisa realizada com pantaneiros mato-grossenses. Para as autoras os pantaneiros são tradicionais criadores de gado em áreas alagadas, usando essas áreas de forma comunal, sendo esta sua principal atividade econômica. Há uma profunda relação com o regime de cheia no pantanal. Durante as cheias o gado se desloca para os morros aonde não chega a inundação. Marques (2001) também faz relato semelhante estudando os “brejeiros” de Marituba (Alagoas). Estes se definem como moradores de várzea e que com ela mantêm uma relação de intimidade, geralmente caracterizada pela dependência da área alagada e dos seus recursos bióticos. O autor afirma que nas várzeas de Marituba há extensões de “pedaços comuns”, onde o acesso se dá de forma não regulamentada. Entre os quilombolas também predomina uma atividade semelhante. De acordo com Guanaes et. al. (2001) nos quilombolas a terra não é vista como propriedade privada, mas como um bem de uso comum. Para os quilombolas do Vale do Ribeira a ocupação da terra se dá através do cultivo de roças coletivas e mão-de-obra familiar para a subsistência e dependem dos recursos desse ambiente para garantir sua sobrevivência.

A mobilidade que ocorre nas áreas de uso comum recria o meio permitindo encontrar as condições desejadas, garantindo assim o equilíbrio dos componentes do ambiente. Nos retiros essa mobilidade só é possível graças ao sistema de propriedade, onde prevalece o uso comum de toda a área, não havendo posse nem cercas para impedir a circulação tanto dos humanos como dos animais.

Os Retireiros do Araguaia

O termo retireiro deriva da palavra retiro, que na linguagem regional é o local onde se cria e cuida do gado (quem vive da atividade sócio-econômica do retiro é retireiro). O retireiro se faz pela experiência adquirida e acumulada em sucessivos anos. Tendo um papel seminômade, muitas vezes o termo “retireiro” assume outra

interpretação, sendo considerado o fato das famílias se retirarem do local juntamente com o gado durante o período chuvoso do ano.

Grupos humanos que desenvolvem atividades semelhantes recebem denominações diferentes dependendo da região do país. No Baixo Amazonas são chamados de varjeiros, no norte de Minas são os geraizeiros, em Alagoas os brejeiros, no Pantanal, os pantaneiros e assim seguem diversas denominações para os diferentes grupos sociais. Todos são grupamentos humanos que habitam geralmente ambientes marginais, onde, em decorrência de fatores climáticos e/ou físicos desenvolveram um modo de vida próprio, numa simbiose com a natureza, que lhes garante a sobrevivência.

Todas essas atividades caracterizam a vida dos retireiros, que é moldada pela experiência adquirida e acumulada em sucessivos anos. O retireiro é um homem simples. Os mais velhos geralmente não possuem instrução formal, mas são dotados de um profundo conhecimento das características do ambiente, onde desenvolveu através dos tempos, formas de organização que lhes permitiu garantir a conservação dos recursos naturais. Não desmatam, não queimam, não cercam, pois acreditam que o ambiente não suportaria tais ações.

Estratégias de manejo e utilização dos recursos naturais são comuns em comunidades tradicionais. Esse fato é discutido por Begossi et al. (2002) em que afirmam que as estratégias de manejo são comuns em populações sedentárias que puderam aprofundar sua percepção e conhecimento sobre o ambiente.

É este saber e este modo de se relacionar com o ambiente que dá ao retireiro uma identidade característica tornando-o um profundo conhecedor das peculiaridades do lugar em que vive e faz de suas práticas um mecanismo de sobrevivência que garante a conservação de inúmeras manifestações culturais, do ambiente natural e a transmissão do saber através das gerações.

Os dez retireiros entrevistados afirmaram serem oriundos da própria região do Araguaia compreendendo o nordeste do estado de Mato Grosso, oeste de Tocantins e sudeste do Pará. Moram no município e desenvolvem a atividade desde que chegaram ao local (1940 a 1950) ou desde o início da vida para os mais jovens. A idade dos entrevistados nesta pesquisa variou entre 20 e 67 anos. Dos cinco mais jovens, apenas um não possui escolaridade, os demais possuem o ensino médio completo. Entre os mais velhos apenas um possui escolaridade, os demais são semi-alfabetizados.

Estes são todos criadores de gado, uma atividade lucrativa para o momento. As famílias encontram-se em ascensão econômica. Todos os entrevistados possuem casas

mobiliadas na cidade, onde, principalmente os mais jovens passam o final de semana e participam da vida cidadina. As casas dos retiros são construídas com a própria vegetação do local e servem apenas como abrigo provisório, pois durante a cheia ficarão alagadas, não merecendo nenhuma melhoria como paredes, pisos ou móveis.

É possível notar que os retireiros mais velhos frequentam menos a cidade e são mais detentores de conhecimento. Os mais jovens dividem o cotidiano entre a vida do retiro e da cidade e em algumas vezes atribuem aos mais velhos todo o conhecimento sobre o ambiente local. Esses dados são percebidos não apenas entre os entrevistados, mas em todos os membros da comunidade.

Metodologia

Para a coleta de dados utilizou-se como técnicas de pesquisa a observação participante, onde o pesquisador vivencia as diversas atividades do pesquisado, e a técnica da entrevista na qual permite ao pesquisador fazer o registro das informações adequando a cada entrevistado e situação. Os entrevistados foram escolhidos por meio de amostras intencionais, que de acordo com Thiollent (2000) trata-se de um número pequeno de pessoas escolhidas pelo pesquisador em função de sua influência na comunidade, podendo suas informações ser mais consistentes e garantir uma melhor qualidade para a pesquisa.

Para as entrevistas foram escolhidos intencionalmente cinco dos retireiros mais antigos da Comunidade e cinco mais jovens, totalizando dez participantes. As mulheres não participaram da coleta de dados por não serem consideradas “retireiras” e não terem uma vida frequente nos retiros, embora desempenhem, dentre outros, um papel importante para a população da comunidade que é garantir a proteção e educação dos filhos que permanecem grande parte do tempo vivendo na cidade.

As entrevistas, de acordo com Viertler (2002) podem ser organizadas de várias formas: estruturadas, parcialmente estruturadas e não-estruturadas. Nesta pesquisa utilizou-se a entrevista parcialmente estruturada, pois ao mesmo tempo em que deixa o entrevistado à vontade para suas argumentações permite flexibilidade ao pesquisador em direcionar os tópicos anteriormente elaborados.

Para a entrevista elaborou-se um roteiro de perguntas semi-estruturadas sobre o cotidiano geral da comunidade e as perguntas fechadas procuraram traçar o perfil dos entrevistados (nome - quando permitido), origem, idade, escolaridade e tempo de

moradia. As questões abertas eram em forma de tópicos e buscaram informações a respeito do conhecimento sobre a flora, fauna, ambiente físico, fenômenos naturais, educação escolar e sobre o futuro da população. Com as entrevistas foi possível também adquirir informações sobre o percurso de vida dos retireiros, sua história, dificuldades, alegrias e relações sociais.

O registro das informações ocorreu por meio de gravador, onde o pesquisador grava a fala do entrevistado para posterior transcrição e por meio de caderno de campo onde, além das falas o pesquisador registra as conversas informais e os acontecimentos vivenciados durante as observações.

Dessa forma, este artigo faz um recorte e enfatiza o conhecimento etnobotânico dos retireiros entrevistados, apontando suas plantas e seus usos. As plantas estão de sistematizadas de acordo com as proposições do Angiosperm Phylogeny Group (APG III), como contido em Souza; Lorenzi (2012) e os nomes científicos foram atualizados em consulta à na Lista de Espécies da Flora do Brasil (Flora do Brasil 2020 em construção, 2017).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O CONHECIMENTO SOBRE A FLORA LOCAL

A economia dos retireiros depende basicamente da flora local. As gramíneas nativas que crescem nas áreas de várzea no período de estiagem constituem o alimento consumido pelo gado durante um período de mais ou menos oito meses, sendo este o motivo de existência e sobrevivência da Comunidade. Além das pastagens a flora local está presente diariamente na vida do retireiro.

Os retireiros participantes da pesquisa afirmaram fazer uso de plantas nativas de diversas formas: como medicinal, como alimento, na construção de casas, cercas, curral, para confeccionar cabo de enxada, foice, machado, como combustível de fogão para o cozimento de alimentos, como isca e como assessório de limpeza.

O conhecimento da utilização desses vegetais é transmitido internamente entre os membros da comunidade através da oralidade e no decorrer das atividades diárias. Este conhecimento vai além dos mecanismos de uso e está associado também a mecanismos de conservação da flora local como garantia da sobrevivência desta população. Este fato é apontado por Bortolotto; Guarim Neto (1998), quando afirmam que nas comunidades

tradicionais, a utilização das plantas está associada, na maioria das vezes, com sua conservação, uma vez que disso depende a sobrevivência dessas comunidades.

O conhecimento tradicional sobre os vegetais é uma das grandes riquezas de populações tradicionais. Portanto, o estudo desse conhecimento, denominado etnobotânico, precisa ser amplamente divulgado nos meios acadêmicos para a sua valorização e reconhecimento. A respeito de estudos etnobotânicos, Posey (1996) afirma que este pode servir para propiciar novos usos de plantas existentes, até então desconhecidas pela ciência moderna. Para este autor os povos tradicionais usam de alguma forma, cerca de 75% de todas as espécies existentes enquanto que apenas aproximadamente 2% é explorado economicamente na Região Amazônica.

As plantas e as diferentes formas de uso

Para a produção de remédios, tanto para a população quanto para os animais, os retireiros utilizam espécies de plantas nativas. Dentre esses vegetais os que mais se destacam são: pau-doce, inharé, jurubeba, piaçava, gervão, capim-de-vereda, candeia, manacá e guatambu.

Guarim Neto; Moraes (2003) corroboram essa discussão ao afirmarem que a relação entre o ser humano e a flora medicinal é bastante forte e aparece em diferentes momentos da vida cotidiana. Afirmam ainda que o uso de plantas medicinais nativas da flora tropical por populações ribeirinhas pode servir de instrumento para o desenvolvimento de atividades de educação ambiental.

Os retireiros conhecem muitas plantas nativas usadas como alimento. De quase todas essas plantas utilizam apenas o fruto como abacaxizinho/abacaxi-do-campo, araticum, bacaba, baru, buriti, cajuí/caju-do-cerrado, coco-babaçu, inharé, jatobá, jenipapo, mangaba, murici, oiti, pequi, curriola e cagaita. Somente um retireiro citou a utilização do palmito de babaçu como alimento. Para Silva; Guarim Neto (2003) a região possui uma diversidade de fruteiras nativas e estas fazem parte da vida cotidiana da população.

Embora percebe-se que nos aspectos culturais do povo retireiro haja uma ligação forte com a religiosidade, bem como com a simbologia e o misticismo, disseram não fazer uso de nenhuma planta com especificidade ritualística. Citam, no entanto, que conhecem várias plantas que têm poderes sobrenaturais para purificar o ambiente e trazer sorte para a família e que a maioria das plantas medicinais para a efetivação

da cura necessita de acompanhamento místico como orações e fé. As plantas citadas como purificadoras do ambiente (espantar mau-olhado) não são nativas do local e esta crendice já não é tão forte como no passado, como pudemos perceber no trecho do depoimento de um retireiro:

“O povo mais velho diz que arruda é boa pra espantá mau-olhado” (J. E., 25 – retireiro).

Esta referência ao saber dos mais velhos pelos mais jovens demonstra a transmissão do conhecimento entre as sucessivas gerações, bem como o respeito ao conhecimento das pessoas mais experientes da comunidade.

Nas construções e fabricações de utensílios domésticos (artesanatos) os retireiros fazem uso de um grande número de vegetais. Essas construções e as fabricações de artesanatos vão desde a própria casa até objetos como concha de madeira para utilizar na cozinha. Na produção de artesanatos é grandemente empregado o sarã, planta muito comum nas margens de lagos e rios da região e que tem uma consistência leve possível de ser trabalhada (moldada). Para a construção de casas utilizam o landi, canjerana e piaçava. O landi e a canjerana são utilizados para a construção de toda a estrutura da casa, como pilares, paredes e teto e as folhas de piaçava são utilizadas para a cobertura. O curral e porteiras são construídos com landi, canjerana, candeia e cega-machado, enquanto que a cerca é feita com a madeira de landi seca. O landi é uma madeira abundante na região, típica de regiões periodicamente alagadas, atribuindo a ela inúmeras finalidades, inclusive na construção de canoa:

“O landi tem dimais aqui. É a que mais usa aqui pra cerca, curral, pra faze casa, canoa..., canjerana e a palha de piaçaba todo mundo tira também. O landi é resistente porque é do varjão mesmo, onde tem varjão tem ele, ele dura mais aqui por causa disso. É a madeira mais usada nessa área” (D. E., 56 – Retireiro).

Modo de construção semelhante é encontrado em diversas regiões do país. Cândido (2001 p.48) descreve o modelo das casas dos caipiras do interior de São Paulo: “sua casa é um abrigo de palha, sobre paredes de pau-a-pique, ou mesmo varas não barreadas, levemente pousado no solo”.

Além dessas construções os retireiros utilizam as plantas nativas, como o guatambu e o cega-machado, para confeccionar cabo de enxada, machado e foice. Outra utilização das plantas nativas citadas pelos retireiros é para a queima em fogão a lenha no preparo de cozimentos. Há ainda retireiros que utilizam a folha de sambaíba como assessório para limpeza de vasilhas de alumínio e ferro, em substituição à palha de aço.

Entre os retireiros não há registro de plantas nativas utilizadas para ornamentos. Não há entre eles a preocupação de “enfeitar” as casas dos retiros onde dificilmente encontra-se uma flor cultivada:

“Ah, isso aí é para as casas da cidade, as mulher que gosta de cuidá disso, aqui nem adianta plantá porque no inverno vai acabá tudo, mas no campo tem muita flor bonita” (J. E., 25 – retireiro).

Neste relato pode-se perceber que nos retiros o trato com plantas ornamentais é tarefa dedicada à mulher e a não presença constante delas nos retiros (tendo que se dividir entre a casa da cidade e a do retiro) pode influenciar na ausência desses vegetais nestas áreas.

Nota-se que as plantas nativas citadas pelos entrevistados (Quadro 1) e suas diversas formas de utilização fazem parte do cotidiano da população da Comunidade dos Retireiros do Araguaia, percebendo uma estreita relação de dependência desses povos em relação aos vegetais.

Quadro 1 – Principais plantas nativas citadas pelos retireiros, ordenadas pelos nomes populares.

Nome popular	Parte utilizada	Construção	Medicinal	Alimento	Outros*
Abacaxizinho, abacaxi-do-campo	Fruto			X	
Araticum	Fruto			X	
Bacaba	Caule, fruto	X		X	
Barbatimão	Casca		X		

Baru	Fruto			X	
Buriti	Fruto, palha	X	X	X	x
Cagaita	Fruto			X	
Cajuí/caju-do-cerrado	Fruto, casca		X	X	
Candeia	Caule, casca	X	X		
Canjerana	Caule	X			
Capim-vereda	Folha		X		
Cega-machado					X
Coco babaçu	Fruto, folha	X		X	
Curriola	Fruto			X	
Gervão	Raiz, folhas		X		
Guatambu	Casca, Caule		X		x
Inharé	Fruto, raiz, casca		X	X	
Jatobá	Fruto, casca		X	X	
Jenipapo	Fruto		X	X	X
Jurubeba	Fruto		X		
Landi	Caule	X			
Manacá	Raiz		X		
Mangaba	Fruto			X	
Murici	Fruto, caule			x	x
Oiti	Fruto			X	
Pata-de-vaca	Folha		X		

Pau-doce	Caule, casca		X		
Pequi	Fruto, folha, casca, raiz		X	X	x
Piaçava	Folha	X	X		
Sambaíba	Raiz, folha		X		x
Velame	Raiz		X		

*Outros: categoria relacionada à fabricação de cabo de enxada, foice, machado, artesanatos e para queima.

Quadro 2 – Principais plantas citadas pelos retireiros, ordenadas pelos nomes populares e correspondentes nomes científicos e famílias botânicas.

Nomes populares	Nomes científicos	Famílias
Abacaxizinho, Abacaxi-do-campo	<i>Ananas ananassoides</i> (Baker) L.B.Sm.	Bromeliaceae
Araticum	<i>Annona coriacea</i> Mart.	Annonaceae
Bacaba	<i>Oenocarpus bacaba</i> Mart.	Arecaceae
Barbatimão	<i>Stryphnodendron adstringens</i> (Mart.) Coville	Fabaceae
Baru	<i>Dipteryx alata</i> Vogel	Fabaceae
Buriti	<i>Mauritia flexuosa</i> Mart	Arecaceae
Cagaita	<i>Eugenia dysenterica</i> (Mart.) DC.	Myrtaceae
Cajuí/caju-do-cerrado	<i>Anacardium humile</i> A.St.-Hil	Anacardiaceae
Candeia	<i>Eremanthus erythropappus</i> (DC.) Macleish.	Asteraceae
Canjerana	<i>Cabralea canjerana</i> (Vell.) Mart.	Meliaceae

Capim-vereda	n.i.	Poaceae
Cega-machado	<i>Physocalymma sacaberrimum</i> Pohl	Lythraceae
Coco-babaçu	<i>Attalea speciosa</i> Mart. ex Spreng	Arecaceae
Curriola	<i>Pouteria ramiflora</i> (Mart.) Radlk.	Sapotaceae
Gervão	<i>Stachytarpheta cayennensis</i> (Rich.) Vahl	Verbenaceae
Guatambu	<i>Aspidosperma</i> sp.	Apocynaceae
Inharé	<i>Brosimum gaudichaudii</i> Trècul	Moraceae
Jatobá	<i>Hymenaea courbaril</i> L.	Fabaceae
Jenipapo	<i>Genipa americana</i> L.	Rubiaceae
Jurubeba	<i>Solanum paniculatum</i> L.	Solanaceae
Landi	<i>Calophyllum brasiliense</i> Cambess.	Calophyllaceae
Manacá	<i>Spiranthera odoratissima</i> A. St.-Hil.	Rutaceae
Mangaba	<i>Hancornia speciosa</i> Gomes	Apocynaceae
Murici	<i>Byrsonima crassifolia</i> (L.) Kunth	Malpighiaceae
Oiti	<i>Licania tomentosa</i> (Benth.) Fritsch.	Chrysobalanaceae
Pata-de-vaca	<i>Bauhinia</i> sp.	Fabaceae
Pau-doce	<i>Vochysia rufa</i> Mart.	Vochysiaceae
Pequi	<i>Caryocar brasiliense</i> Cambess.	Caryocaraceae
Piaçava	<i>Attalea funifera</i> Mart.	Arecaceae
Sambaíba	<i>Curatella americana</i> L.	Dilleniaceae
Velame	<i>Mandevilla velame</i> (A.St.-Hil.) Pichon	Apocynaceae

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a realização desta pesquisa pode-se perceber que a Comunidade dos Retireiros do Araguaia, localizada na região Norte - Araguaia do Estado de Mato Grosso é um exemplo de relação entre os seres humanos e o ecossistema no qual estão inseridos. Esta relação é permitida graças ao modelo de manejo dos recursos naturais adotado pela população.

A identidade sociocultural dos Retireiros do Araguaia é manifestada pela prática sócio-econômica e cultural desenvolvida pelos mesmos e pela sua história de vida. Natos criadores de gado em pastagens nativas da região de cerrado alagado, vivem suas vidas de acordo com o regime das águas do Araguaia, fazendo dos períodos sazonais um mecanismo de aprendizado e socialização de saber.

Conhecer o ambiente natural para esta população é o aprendizado fundamental, pois dele dependerá o futuro da comunidade. O conhecimento que possuem, reconhecido por diversos autores como conhecimento tradicional, além de garantir a sobrevivência da própria população, conserva o ambiente natural como garantia de sustento para as gerações futuras.

O uso da flora local pela população merece destaque neste estudo, pois há uma relação estabelecida de uso e conservação. O conhecimento demonstrado não se manifesta apenas na utilização dos recursos naturais, mas também na compreensão da relação entre os seres e a dinâmica do ambiente natural.

Os dados aqui apresentados podem contribuir para futuros estudos da etnobotânica do Estado de Mato Grosso, bem como para repensar estratégias de utilização e conservação da flora local em diferentes ambientes naturais.

REFERÊNCIAS

BARCELOS, V. H. O conhecer, o saber e a ecologia: em tempos de pós-modernidade. *Revista de Educação Pública*, Cuiabá, v.12, n.21, p.149 -168, 2003.

BEGOSSI, A. et al. Ecologia Humana, Etnoecologia e conservação. In: AMOROZO, M. C. de M. et al. *Métodos e Coletas de dados em Etnobiologia, Etnoecologia e Disciplinas Correlatas*. Rio Claro, SP: Coordenadoria de Área de Ciências Biológicas – UNESP/CNPq, 2002.

BORTOLOTTI, I. M.; GUARIM NETO, G. Conservação da Natureza em uma escola rural do distrito de Albuquerque (Corumbá, Mato Grosso do Sul): uma abordagem para a educação no contexto da etnobotânica. *Revista de Educação Pública*, Cuiabá, v.7 n.11, p. 25- 41, Cuiabá, 1998.

CÂNDIDO, A. *Parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. São Paulo: Duas Cidades, Ed. 34, 2001.

COLCHESTER, M. Resgatando a natureza: Comunidades Tradicionais e áreas protegidas. In: DIEGUES, A. C. *Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos* – São Paulo: Hucitec, 2000.

DIAGNÓSTICO Sócio-Econômico-Ecológico do Estado de Mato Grosso – Outubro, 1996.

DIEGUES, A.C. (Org.) *Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos* – São Paulo: Hucitec, 2000.

DIEGUES, A.C. Repensando e recriando as formas de apropriação comum dos espaços e recursos naturais. In: Vieira, P. F.; Weber J. (Orgs). *Gestão de recursos naturais renováveis e desenvolvimento: novos desafios para a pesquisa ambiental*. São Paulo: Cortez, 1997.

FLORA DO BRASIL 2020 em construção. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/>>. Acesso em: 08 Mai. 2017

FURTADO, L. G. *Curralistas e redeiros de Marudá: pescadores do litoral do Pará*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1987.

GEERTZ, C. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

GUANAES, S. et al. Quilombos e usos sustentáveis. In: Diegues, A. C.; Viana, V. M. (Orgs) *Comunidades tradicionais e manejo dos recursos naturais da mata atlântica*. São Paulo: NUPAHUB/ESALQ-USP, 2002.

GUARIM NETO, G.; MORAES R. G. Plantas medicinais e Educação Ambiental: uma experiência na região noroeste de Mato Grosso. In: SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO, 2003, Cuiabá. *Anais*. Cuiabá: IE/UFMT, 2003. p. 342.

MARQUES, J. G. W. *Pescando pescadores: ciência e etnociência em uma perspectiva ecológica*. 2ª ed. São Paulo: Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras, NUPAUB/USP, 2001.

POSEY, D. A. Os povos tradicionais e a conservação da biodiversidade. In: Pavan, C. *Uma Estratégia Latino Americana para a Amazônia*. Vol 1. São Paulo: Memorial, 1996.

SILVA, C. J. da; SILVA, J. A. F. *No ritmo das águas do Pantanal*. São Paulo: NUPAUB/USP, 1995.

SILVA, R. A. O.; GUARIM NETO, G. *O saber tradicional da Comunidade dos Retireiros do Araguaia sobre Frutos Nativos do Cerrado: Luciara, MT*. In: 14º Encontro de Biólogos. *Anais*. Cuiabá, 2003. p. 209.

SOUZA, V. C.; LORENZI, H. *Botânica sistemática: guia ilustrado para identificação das famílias de fanerógamas nativas e exóticas no Brasil, baseado em APG III*. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2012.

THIOLLENT, M., *Metodologia da Pesquisa- Ação*. São Paulo: Cortez, 2000.

VIERTLER, R. B. Métodos antropológicos como Ferramentas para estudos em etnobiologia e Etnoecologia. In: AMOROZO, M. C. de M. et. al. *Métodos e Coletas de dados em Etnobiologia, Etnoecologia e Disciplinas Correlatas*. Rio Claro, SP: Coordenadoria de Área de Ciências Biológicas – UNESP/CNPq, 2002.